

A VARIEDADE LINGUÍSTICA DA BAIXADA CUIABANA: CONTATO DE LÍNGUAS, PROCESSOS DE CRIOLIZAÇÃO E TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR

Marina Alvarenga do Rêgo Barros

Orientadora: Mônica Maria Guimarães Savedra

Mestranda

RESUMO: O caminhar da mudança linguística desencadeado pelo entrelaçamento de dois ou mais códigos comunicativos, em situações delimitadas por aspectos da história da humanidade, propiciou a transformação de línguas em novos padrões específicos. O estudo apresentado é uma abordagem da teoria do Contato Linguístico com enfoque nos processos de construção da variedade linguística falada na baixada cuiabana, região do estado do Mato Grosso (MT). Propõe-se demonstrar o necessário prisma da perspectiva sociolinguística, porquanto o real entendimento dos fatores que configuram os cenários de remontagem de tal variedade somente podem ser bem compreendidos quando são adicionadas à questão puramente linguística as muitas marcações sociais que balizaram a mesclagem de povos naquele local. Para elucidar as confluências que deram gênese ao falar da baixada cuiabana, lançaremos mão da lente da teoria da Transmissão Linguística Irregular, que congrega traços típicos da formação de crioulos e elementos mais palpáveis à realidade de línguas que convergem com o código linguístico dominante. A ideia regente é demonstrar alguns fatores que reforçam que estudar os processos de crioulização e pidginização é fundamental para entender o traçado histórico, a configuração e o funcionamento do português brasileiro na região apontada.

PALAVRAS-CHAVE: Crioulística; Contato de Línguas; Transmissão Linguística Irregular; Sociolinguística.

Introdução

A multiplicidade identitária típica do Brasil é fomentada pelas movimentações migratórias e convergências de povos em seu extenso território. O estado do Mato Grosso ilustra com maestria esses muitos encontros. É o maior estado da região Centro-Oeste – localizado ao extremo oeste do país, na fronteira com a Bolívia – e subdivide-se em terrenos

com características afins, a exemplo da baixada cuiabana, região composta por Cuiabá, capital do Mato Grosso, e outros treze municípios. Ele apresenta, na história de sua colonização, presença de indígenas locais e migrantes, espanhóis, bandeirantes paulistas, negros africanos escravizados e populações diversas de nativos brasileiros.

A interação descrita em Mato Grosso e seus desdobramentos são especialmente latentes na baixada cuiabana. Os vestígios da história mato-grossense marcaram a variedade linguística local de maneira explícita, com aspectos fonológicos e sintáticos (entre outros) evidentes.

Ao ancorar essa realidade no campo dos estudos sociolinguísticos, tem-se que a variedade linguística mato-grossense da baixada cuiabana propicia a abordagem do contato de línguas, especialmente no que diz respeito aos processos de crioulização e transmissão linguística irregular (BAXTER; LUCCHESI, 1997).

A tenção central é apresentar a proposta de pesquisa de mestrado focada em encontrar e examinar os elementos constitutivos de possíveis diferentes formulações sociolinguísticas na baixada cuiabana e elencar traços que corroborem a ótica do contato de línguas.

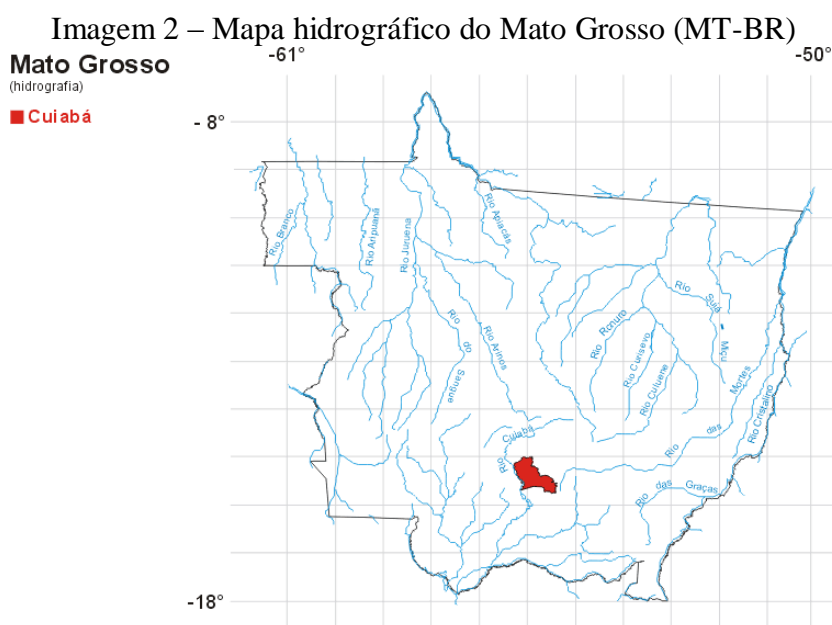
O estado do Mato Grosso (MT) e a baixada cuiabana

O estado brasileiro do Mato Grosso é cenário de rica confluência de povos e culturas. Sua localização afastada da costa brasileira (cf. Imagem 1) propiciou um imbricamento de populações bastante diferenciado daqueles que ocorreram às margens do Atlântico – ainda que os fluxos migratórios que escreveram a história do país eventualmente tenham por lá chegado.

Imagem 1 – Estado do Mato Grosso (MT-BR)



Localizado ao centro do continente sul-americano, no extremo oeste brasileiro, o Mato Grosso abriga um rico desenho hidrográfico, fator que influenciou fortemente a ocorrência de alto fluxo migratório em diferentes períodos históricos:



A abundância de água favoreceu as trocas com colônias espanholas advindas do Paraguai, Uruguai e Argentina (PÓVOAS, 1995: 55 apud SOUZA, 1999: 20). Em verdade, o território recebeu algumas expedições enviadas pela Coroa de Castela que, ainda que malsucedidas, deixaram ali grupos desertores e de missões catequizadoras.

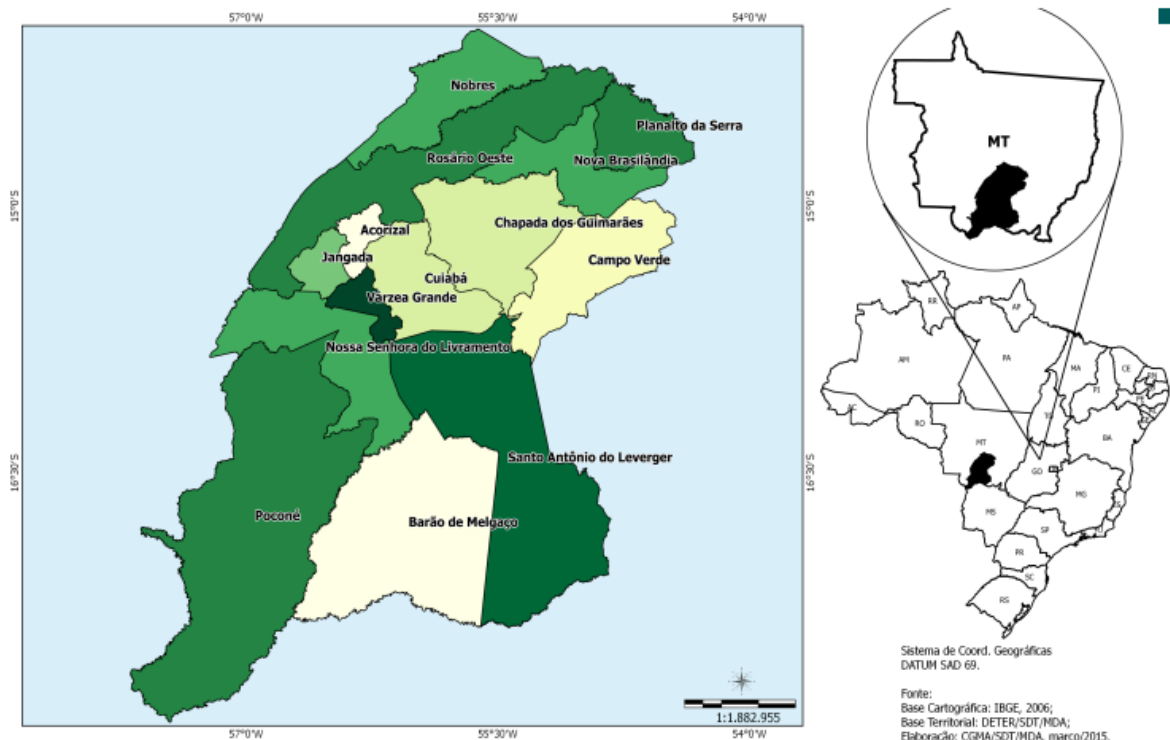
Além deles, e primordialmente, habitavam ali nativos indígenas de variadas etnias, e, mais tarde, esse mesmo estado receberia ondas migratórias de bandeiras paulistas, carregando a língua geral. Uma última forte onda migratória trazendo negros escravizados do nordeste e sudeste brasileiro – e suas vertentes linguísticas crioulas – surgiu no Mato Grosso quando da

descoberta de minas de ouro, instalando-se com maior representatividade nos entornos de Cuiabá (SOUZA, 1999).

Acompanhando a dinâmica das comunidades que ali habitaram, diferentes línguas se instalaram de forma momentânea ou perene, simultânea ou alternadamente, e com mais ou menos força de fixação de traços. Houve, inevitavelmente, contato entre essas línguas, sob o olhar dos prismas sincrônico e diacrônico. Na verdade, são raríssimas as comunidades hoje existentes isoladas a ponto de estarem imunes ao contato linguístico.

Tal efervescência migratória e linguística criou o pano de fundo perfeito para a criação de uma representatividade sociolinguística muito peculiar na região hoje conhecida como baixada cuiabana (cf. Imagem 3), composta pela capital mato-grossense Cuiabá e outros treze municípios – quais sejam: Acorizal, Barão de Melgaço, Campo Verde, Chapada dos Guimarães, Jangada, Nobres, Nossa Senhora do Livramento, Nova Brasilândia, Planalto da Serra, Poconé, Rosário Oeste, Santo Antônio do Leverger e Várzea Grande.

Imagem 3 – Baixada cuiabana (MT-BR)



O local já foi alvo de estudos de rastreio fonológico, morfossintático e estilístico, a exemplo de Souza (1999, 2010) Dettoni (2003) e Cox (2009). Faz-se preponderante, contudo, entender os rumos que o contato linguístico que ali se deu tomou enquanto delineador da

variedade falada nessa área. As visões teóricas aqui adotadas são alinhadas a um cenário que favoreceu processos de crioulização, ressaltando os apontamentos da teoria da transmissão linguística irregular (BAXTER; LUCCHESI, 1997) como explicação que melhor ampara os traços observados.

Conceituando o Contato Linguístico

Para versar acerca do Contato de Línguas, é preciso primeiro defini-lo: a perspectiva adotada neste estudo é a de Thomason, quando esta define como Contato Linguístico a situação em que duas ou mais línguas convivem no mesmo ambiente, com ao menos alguns falantes fazendo uso de mais de uma delas, (2001, p. 1), com finalidade comunicativa. A autora alcunha tal recorte como *contato linguístico não trivial*, ou seja, não é o bastante que somente existam duas ou mais línguas em determinada situação; é preponderante que elas estejam em uso.

Ainda consoante a Thomason (2001, p. 1), para que se configure um situação de Contato Linguístico não é necessário que os agentes envolvidos sejam fluentes em mais de uma língua – o foco é (a tentativa de) o ato comunicacional, as divergências e confluências linguísticas resultantes da exposição dos falantes mono, bi ou plurilíngues a um ambiente que demanda o uso de mais de um código.

Apesar de, à primeira vista, a definição de Contato de Línguas remeter à interação acontecendo em ambientes físicos, há de se ressaltar que desde sempre e cada vez mais outros espaços, como a manipulação de documentos e o espaço virtual, geram situações de contato.

De fato, é tarefa difícil, senão impossível, traçar a história de uma língua moderna sem que, em algum momento, ela tenha passado por uma situação de contato e, muito provavelmente, sido influenciada por esse acontecimento. Fatos de peso glotopolítico como a expansão de impérios, o domínio cristão, o Colonialismo e Neocolonialismo e, mais recentemente, o fenômeno da globalização, garantem que as línguas estejam sempre se entrelaçando e reconstruindo seus códigos de acordo com as requisições de cada novo contexto.

As implicações mais evidentes para o falante em situação de contato, observando o indivíduo isoladamente – e considerando, ainda, que este indivíduo consiga adquirir certo *input* da língua com a qual está fazendo contato –, são os casos de permeabilidade entre as línguas utilizadas, seja na esfera lexical, seja na estrutural. É neste contexto que surgem dados

de fala guiados pela transação vocabular, sintática, semântica etc. de um código linguístico para outro, quase sempre involuntariamente e de maneira imperceptível para o falante que produz tais dados. Encontram-se aí os fenômenos de *code shifting*, *code switching* e *code mixing*, exemplificativamente, todos eles versando acerca das possíveis explicações para as ocorrências de troca, mixagem ou adaptação de um código linguístico a outro. Uma situação que ilustra adequadamente esses fenômenos são os casos de crianças que crescem em casas multilíngues e trocam de código linguístico a depender do interlocutor ou de algum estímulo relacionado às línguas disponíveis. Pode-se, ainda, considerar a produção de sentenças agramaticais a uma língua, porquanto o produtor da mensagem está utilizando o léxico de uma língua (geralmente, a língua alvo) e a estrutura sintática de outra (geralmente, a língua materna). Por último, não é raro encontrar falantes que fazem traduções de expressões que, ainda que gramaticais, têm o sentido truncado ou não se fazem adequadas, porquanto os traços culturais que as regem na língua original não coincidem com o novo contexto no qual foram inseridas.

Lançando um olhar para além das implicações individuais, faz-se imprescindível reforçar o quanto Contato Linguístico exerce função fundamental na manutenção das línguas no curso da história. No jogo de conquistas territoriais e de poderio, por exemplo, a imposição da língua do conquistador é sempre utilizada como ferramenta essencial de demarcação de vitória e controle social. Por outro lado, a união de povos falantes de diferentes línguas para alcançar objetivos em comum gerou comunidades nas quais duas ou mais línguas convivem harmonicamente sob uma mesma bandeira. Há, ainda, grupos que estabeleceram contato em um recorte muito específico e depois voltaram a se separar, como em situações mercantis.

Tais configurações de Contato dão gênese a processos diversificados de influência entre línguas e estabelecem diferentes tipos de relação do falante com o contexto linguístico no qual ele está inserido. Há comunidades em que os falantes dominam mais de uma língua de prestígio, e, assim, ocupam espaços de privilégio na engrenagem social. Existem outras comunidades nas quais apenas uma parcela socioeconomicamente proeminente dos falantes acessa a língua de prestígio, e a grande maioria dos falantes segue dominando um código estigmatizado e permanece à margem das relações político-econômicas linguisticamente guiadas – como é o caso da população de alguns países componentes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Ressalta-se, ainda, comunidades nas quais os falantes mais jovens dominam, além da língua de prestígio, também a língua de seus ascendentes, mas

encenam não sabê-la, pois há uma série de fatores culturais avaliados negativamente atrelados à fala de seus antepassados. Há, também, comunidades hegemonicamente monolíngues, no sentido de não haver fluência compartilhada em mais de uma língua, mas isso não significa que elas não estejam igualmente mergulhadas em um contexto de múltiplas influências linguísticas. Na verdade, são raríssimas as comunidades hoje existentes isoladas a ponto de estarem imunes ao contato linguístico.

Considerando os efeitos dessa imbricação do no curso da história, elenca-se três grandes desfechos possíveis perante o Contato de Línguas: a mudança da língua, a morte da língua fraca ou o processo de pidginização e/ou criouliização.

Alguma reflexão acerca de pidginização e criouliização

De acordo com Dante Lucchesi (no prelo), línguas pidgins e crioulas são aquelas surgidas a partir de um choque linguístico muito abrupto, através do contato de línguas regido mormente por contextos de violência e opressão. Tais códigos linguísticos se destacam como novas línguas por, dentre outros fatores, serem inacessíveis a falantes monolíngues das línguas originalmente em contato.

Se, por um lado, os fatores sociolinguísticos presentes nas situações de contato propiciam o surgimento dos pidgins e crioulos, por outro, essas línguas surgem extremamente estigmatizadas e, muitas vezes, se dão até mesmo no âmbito da clandestinidade (LUCCHESI, no prelo, p. 2). Aos pidgins e crioulos podem ser associados os casos já citados de indivíduos e comunidades que não são autorizados a falar a sua própria língua ou, por vezes, escondem o fato de terem domínio dela.

As situações que regem o aparecimento de pidgins e crioulos são aquelas em que é necessário, de maneira muito imediata e pouco maleável, que duas comunidades linguísticas muito afastadas se façam comunicar por, pelo menos, um período determinado de tempo, a partir de questões básicas, como dar uma ordem ou estabelecer algum sistema de troca de mercadorias. Tais situações se dão muito comumente em contextos de colonização e/ou escravização de um povo, que vêm sempre acompanhados de violências de diversas origens, inclusive linguísticas.

Assim que os povos do cenário descrito entram em contato, há uma necessidade imediata de que se crie um vocabulário comum, para que as atividades rotineiras ou atividades-fim mais básicas tenham prosseguimento. Esse vocabulário tem bases na língua

nativa de cada falante e é utilizado de acordo com a gramática de conhecimento de cada indivíduo, e a ele é dado o nome de *jargão* (LUCCHESI, no prelo, p. 3; LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009).

Quando este cenário dura mais tempo, começa a ser formada uma gramática própria em torno do jargão, com elementos linguísticos de ambas as línguas em contato (podendo prevalecer os elementos da língua forte), que é alcunhado de *pidgin*. Há algumas teorias que explicam o termo; uma delas diz que a palavra se formou a partir da tentativa de chineses em pronunciar a palavra *business*, da língua inglesa (LUCCHESI, no prelo, p. 5).

O pidgin pode tomar contornos tão complexos quanto qualquer outra língua e funcionar, de fato, como um novo código linguístico compartilhado. A esta modalidade dá-se o nome de *pidgin expandido*— uma língua que poderia ser classificada com “de uso” ou até mesmo “de trabalho”, a depender do contexto que a cerca, mas que não é a língua materna dos agentes envolvidos no ato de fala e não agrega traços culturais suficientes para enlaçar a gênese de uma nova identidade. Quando o código em questão passa a ser a língua nativa de uma nova geração de falantes e a ele são agregados fatores socioculturais identitários, pode-se falar em estabelecimento de *língua crioula* – a partir do verbo *criar*, “língua nascida no lugar” (LUCCHESI, no prelo, p. 3; 5).

Há abundante registro de surgimento de línguas pidgins na recapitulação da história da humanidade, mas também é alto o número de pidgins que se desfazem assim que as relações que os criaram cessam. Existem, ainda, pidgins que se mantêm nesse status por muitos anos, e pidgins que evoluem para crioulos. Há, também, línguas que não se moldam perfeitamente aos recortes de ambas as definições, e são chamadas de *pidgins-crioulos*. Um exemplo de pidgin que não aponta para a crioula e é amplamente utilizado nos dias de hoje é o *tok pisin* (de “*talk pidgin*”), utilizado em Papua Nova Guiné, inclusive em instâncias formais, dado o cenário de mais de 700 línguas em contato na região (LUCCHESI, no prelo, p. 3).

As línguas crioulas, por outro lado, datam em sua grande maioria do período colonial, quando se deram as ondas de escravização de povos. Estando à frente de tal processo, os portugueses deixaram marcas linguísticas que perduraram mesmo após a ascensão de outras potências colonizadoras. É uma base típica dos crioulos, por conseguinte, o contato entre uma língua europeia assumindo o papel de domínio (e também de língua lexificadora) e uma língua africana na posição de vulnerabilidade.

Ainda enfocando o contexto de escravização, consoante Lucchesi (no prelo, p. 4) e ampliando o olhar para as Américas, tem-se que os maiores destinatários das levas de negros escravizados eram o Brasil e o Caribe, principalmente para manutenção de grandes plantios de empresas denominadas *plantations* – aos crioulos advindos destas condições, dá-se o nome de *crioulo de plantação*. A maior incidência dos crioulos de plantação se dá no Caribe, na costa ocidental da África e no Havai.

De acordo com o que foi anteriormente explicitado, a crioulição muito comumente gira em torno de uma relação de desequilíbrio de poder. Geralmente, o cenário é de uma nação em busca de hegemonia suplantando os traços culturais de outra. Transferindo esta relação para o campo linguístico, nomeia-se *língua de superstrato* o código do dominador, geralmente dominado por uma parcela muito pequena dos indivíduos componentes do cenário. A língua do povo dominador passa a ser também a *língua alvo*, dada a afirmação identitária do opressor. À língua do povo dominado, ampla maioria, dá-se o nome de *língua de substrato*.

Apesar de haver uma aproximação da língua crioula com a língua lexificadora, principalmente no que diz respeito ao léxico, as estruturas gramaticais dos crioulos se diferenciam de maneira consistente, não sendo justificável sempre apontar para a língua crioula como apêndice da língua de superstrato (LUCCHESI, no prelo, p. 10). Segundo Siegel (2008, apud LUCCHESI, no prelo, p. 10), é um erro tomar uma língua morfologicamente simplificada como “menos complexa” ou “de menor valor”, pois há uma espécie de compensação linguística, e o que a morfologia não supre é englobado pelo léxico, da mesma forma que os demais elementos componentes da gramática se enxugam de um lado, mas afloram de outro.

As primeiras estratégias linguísticas a desaparecerem em qualquer situação de contato de línguas são também as que geralmente não são reconstituídas na modelagem da língua crioula. Os traços mais marcantes dessa perda linguística são: perda de ferramentas sem valor referencial, porquanto sua ausência não implica grandes perdas semânticas para o ato comunicacional; perda de ferramentas que correspondem a conceitos abstratos e demasiadamente formais da língua, pois estes não costumam interessar aos tópicos do contato imediato dos falantes; a dicotomia significante/significado torna-se mais turva (LUCCHESI, no prelo, p. 13).

Efeitos do Contato Linguístico na realidade brasileira: contornos do Português do Brasil e transmissão linguística irregular (TLI)

Debruçar-se sobre o estudo do contato entre línguas e do processo de pidginização e criouliização é fundamental para traçar de forma verossimilhante os percursos das línguas de herança latina, como o Português Brasileiro (PB). Ainda que o PB não seja considerado uma língua crioula, suas raízes remontam as situações que configuram o cenário propício à pidginização/criouliização, não somente pela configuração das pressões sociais na formação do Brasil como o conhecemos atualmente – fruto de um longo processo de colonização, exploração e escravização –, mas, certamente, pelas influências de outros códigos desde antes de o Português chegar às Américas, cite-se o contato com línguas germânicas, com o árabe e com línguas ameríndias e africanas (LUCCHESI, no prelo, p. 26).

Para abordar tal configuração linguística, este estudo adota o conceito de *transmissão linguística irregular* (BAXTER; LUCCHESI, 1997; LUCCHESI; BAXTER, 2006 apud LUCCHESI, no prelo, p. 27). Tal teoria é um modelo de análise de mudanças advindas do contato linguístico que sugere que situações prototípicas do surgimento de línguas pidgins e crioulas podem dar gênese à “simples formação de uma nova variedade histórica da língua alvo que apresenta características estruturais semelhantes às que se encontram nas línguas crioulas, no que se pode chamar de *transmissão linguística irregular de tipo leve*” (LUCCHESI, no prelo, p. 27, grifo nosso).

Contrariamente à transmissão geracional de línguas, na qual há um padrão linguístico claro e bem estabelecido a ser repassado para a nova geração, a transmissão linguística irregular se caracteriza por ter como modelo linguístico de aquisição de linguagem um código falado pelos adultos que já apresenta traços diversificados de diferentes raízes linguísticas, pois é fruto do contato de povos que se deu nas gerações ascendentes (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009, p. 101).

Assim como o processo que se dá nas línguas crioulas, a ideia aqui é a reconstituição de traços linguísticos inicialmente perdidos nas fases iniciais do contato linguístico, a depender da quantidade e importância sintática dos traços abandonados. A grande diferença é que, na formação dos crioulos, a comunidade tem acesso muito restrito à língua lexicadora, reconstruindo suas marcações gramaticais na ausência de tal modelo, dadas as configurações sociais apresentadas para grande parte dos crioulos (de quilombo, de plantação).

Nos processos de transmissão linguística irregular, por outro lado, os falantes têm maior acesso à língua alvo, e esta proximidade propicia que a língua forte exerça pressão e continue sendo o modelo linguístico adotado. É importante ressaltar, contudo, que tal pressão não é suficiente para impedir que os arranjos linguísticos sejam reformulados, ou seja, é um equívoco advogar pelo purismo linguístico e insinuar que a língua alvo se mantém intocada. Provando exatamente o contrário, é possível identificar que várias das estruturas que são mais imediatamente afetadas na formação dos pidgins e crioulos – como elementos morfológicos de marcação de pessoa, número, gênero e caso – também sofrem alterações na transmissão linguística irregular (LUCCHESI, no prelo). A diferença a ser apontada quanto a essa questão é que, enquanto nos crioulos tais elementos desaparecem inicialmente e são remodelados depois, na transmissão irregular eles passam por um amplo processo de variação linguística, mas não somem.

A transmissão linguística irregular das marcas de contato observadas no PB pode ser dividida em fases (LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009), quais sejam: em um primeiro momento, nota-se a variação em diferentes níveis e intensidade de estratégias gramaticais, sem a presença maciça da eliminação delas, e a aquisição não-padrão dos parâmetros sintáticos; após, há a expansão e remodelagem das variáveis, pela concorrência das formas padrão reconfiguradas e novos padrões gramaticais surgidos do uso, além da variação da aplicação dos parâmetros sintáticos.

Dados de fala

Tenciona-se compor a *corpora* da pesquisa aqui aludida a partir de coleta de dados *in situ*, além do repositório de dados linguísticos do Projeto Variação Linguística no Centro-Oeste (VALCO/UnB). Estudos anteriores acerca da região da baixada cuiabana também serão revisitados para apreciação de dados concernentes a diferentes fenômenos linguísticos. Elenca-se, por hora, a título de exemplificação, fenômenos estudados pelas autoras Rachel Dettoni (2003) e Jocineide Karim (2012), além de dados de coleta própria. Os fenômenos aqui explicitados serão, em ordem, a marcação de gênero (DETTONI, 2003), a alternância do ditongo [ãw] e [õ] (KARIM, 2012) e a troca de fricativas alveolopalatais por africadas alveolopalatais.

<i>Fenômeno</i>	<i>Dados</i>
-----------------	--------------

<p>Marcação de gênero (gênero masculino enquanto neutro)</p>	<p>“A senhora vê uma pessoa cego, ou para... ou grengrenhado, uma pessoa grengrenhado, ele num anda, ele não se move.” (DETTONI, 2003)</p>
<p>Alternância do ditongo [ãw] e [õ]</p>	<p>“Nosso clima... é as quatro estaçon do ano pra nós é bom... tem o frio... tem o calor... a primavera... o verão enton pra mim.” (MACEDO, 2012)</p>
<p>Troca de fricativa alveolopalatal desvozeada por africada alveolopalatal desvozeada</p>	<p>cheio > tcheio xarope > tcharope enchente > entchente</p>
<p>Troca de fricativa alveolopalatal vozeada por africada alveolopalatal vozeada</p>	<p>jeito > djeito ajuda > adjuda gente > dgente juízo > djuizo</p>

Considerações finais

Este estudo se propôs a retomar os aspectos fundamentais da teoria de Contato de Línguas, com o entrelaçamento da Sociolinguística. O objetivo foi pincelar as molduras sociopolíticas e linguísticas que formam Português Brasileiro, enquanto língua moldada pelo processo de transmissão linguística irregular de tipo leve, com enfoque nos traços linguísticos conservados pela variedade falada na baixada cuiabana, região do Mato Grosso (MT).

Foi levantada a necessidade de se bem entender as nuances do processo de pidginização e criouliização para compreender de maneira acurada a formação do PB, já que o Brasil abrigou, a partir do período colonial, um cenário sociolinguístico muito semelhante aos que originam pidgins e crioulos. Também foram explicitadas a série de configurações particulares ao País que fizeram com que a língua que por aqui se estabeleceu não possa ser considerada parte integrante de qualquer uma dessas duas definições. Por fim, foram ainda ressaltadas as muitas e peculiares levas migratórias que contribuíram com a formação da variedade observada.

REFERÊNCIAS

BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. **Estudos lingüísticos e literários**, v. 19, n. 65-84, 1997.

COX, Maria Inês Pagliarini. Estudos linguísticos no/do Mato Grosso – o falar cuiabano em evidência. **Polifonia**, v. 15, n. 17, 2009.

DETTONI, Rachel do Valle. **A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso**. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 2003.

DETTONI, Rachel Valle et al. Projeto de variação linguística no Centro-oeste (VALCO). **ALFA: Revista de Linguística**, v. 56, n. 3, 2012.

KARIM, Jocineide Macedo. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais**. Tese de doutorado. Universidade de Campinas, 2012.

LUCCHESI, Dante. **Línguas em contato**. No prelo, s/a.

LUCCHESI, Dante; BAXTER. Processos de criouliização na história sociolinguística do Brasil. **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, p. 163-218, 2006.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan N.; RIBEIRO, Ilza. **O português afro-brasileiro**. Edufba, 2009.

PÓVOAS, Lenine Campos. **História geral de Mato Grosso**. LC Póvoas, 1995 apud SOUZA, Ulisdete Rodrigues de. **Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva criouliística**. 1999. Dissertação de mestrado, Brasília, UnB.

SOUZA, Ulisdete Rodrigues de. **Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva criouliística**. 1999. Dissertação de mestrado, Brasília, UnB.

_____. A Semicriouliização do português em Mato Grosso. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 11, n. 1, p. 51-57, 2010.

SIEGEL, Jeff. Pidgins/creoles and second language acquisition. **The handbook of pidgin and creole studies**, p. 189-218, 2008 apud LUCCHESI, Dante. **Línguas em contato**. No prelo, s/a.

THOMASON, Sarah G. **Language Contact: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

TURISMO RURAL MATO GROSSO. **Mapa da divisão hidrográfica do estado de Mato Grosso** [Imagem 2 – Mapa hidrográfico do Mato Grosso (MT-BR)]. Disponível em: <<http://www.turismoruralmt.com/2012/10/peixes-de-mato-grosso.html>>. Acesso em 1º de outubro de 2018.

WIKIMEDIA COMMONS. **Mato Grosso in Brazil.svg** [Imagem 1 – Estado do Mato Grosso (MT-BR)]. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mato_Grosso_in_Brazil.svg>. Acesso em 1º de outubro de 2018.

BRASIL, Sistema de Informações Territoriais (SIT). **Caderno Territorial do perfil territorial da Baixada Cuiabana – MT** [Imagem 3 – Baixada cuiabana (MT-BR)]. Disponível em: <<http://sit.mda.gov.br/download.php>>. Acesso em 1º de outubro de 2018.